

**ASSIGNATURAS**

Corte, anno..... 108000  
Semestre..... 58500  
Trimestre..... 38000  
Mez..... 18000

Pagamento adiantado

# O SORRISO

**ASSIGNATURAS**

Provincias, anno. 128000  
Semestre..... 78000  
Trimestre..... 48000  
Mez..... 18500

Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

Dedicado ás Moças Brasileiras

PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.

COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, Senna Campos, Alfredo Gomes e Symphonio Cardoso.—Comendador Constantino do Amaral Tavares, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, F. A. Costa, etc.

ESCRITORIO E REDACÇÃO

N. 28 Rua de Gonçalves Dias N. 28



BIN 36.089-9

Anno I Rio de Janeiro, 2 de Outubro de 1880 N. 1

## O SORRISO

As Moças Brasileiras

EXMAS. SRAS

Como vêdes, este jornalzinho, que vos é dedicado, nasceu com a idéa de ser-vos util e proporcionar-vos, alguns instantes amenos com a leitura de seus escriptos que serão, cremos, dignos de vossa sympathia.

A empresa não vacillou em dedicar-vos o «Sorriso» porque, vendo em vós um forte esteio de todos os committimentos tendentes ao progresso da civilização acorçoando toda a idéa que tem um fim utilitario, especialmente aquellas cuja acção reflecte em vosso espirito, sabe não o deixareis morrer á mingua da seiva que carece para alimentar-se.

A publicação dos melhores romances, artigos instructivos, recitativos, biographias das principaes notabilidades litterarias de um e outro sexo; emfim, as melhores produções de seus illustrados collaboradores, naturalmente adaptadas à vossa indole e gosto, é tudo quanto vos póde offercer o «Sorriso» em troca da benevolencia que vos dignardes dispensar lhe.



E como não baste isso para que a empresa fique egura de vossa affeição é mister que ella vos declare:

Que não julgueis ser esta uma das muitas publicações de vida ephemera que servem apenas para prejudicar aquellas que sahem á luz com caracter mais honesto. Os editores-proprietarios, tendo elementos para isso, desde já declaram aos seus assignantes garantir-lhes a responsabilidade que para com elles assumirem.



O «Sorriso» será publicado duas vezes por semana, e admittirá em suas columnas todos os escriptos dos Srs. assignantes, que forem julgados dignos de publicidade.



A' vista da solidez que garante e do modo porque se conduzirá espera a empresa merecer o favor publico.



### Moreninha

Ai, morena cor de jambo,,  
Onde vais tão linda assim?  
Vais buscar novos amores,  
E não tens pena de mim?

Não vêes que as flores mimosas  
Murcharão com tua ausencia,  
Recordando teus afflagos,  
Findarão sua existencia?



A lua que no horizonte  
Se deslisava a brilhar,  
Em faltando teu reflexo  
Ha de triste se offuscar?

Ai, morena, cor de jambo,  
Onde vais tão linda assim?  
Porque me foges, esquiva,  
Porque te ausentas de mim?

A frondosa trepadeira,  
A fonte que te banhava,  
O orvalho que te ungia,  
A brisa que te affagava:

Tudo vai mudar de sorte,  
Tudo vai triste ficar,  
Até mesmo a natureza  
Alentava o teu olhar!

Ai, morena, cor de jambo,  
Onde vais tão linda assim?  
Não te brinda a primavera,  
Não tens um escravo em mim?

Como fica quem te ama,  
Quem vive do teu viver?  
Definhará tristemente,  
Vai de saudades morrer!

Não me roubes a ventura,  
Ingrata sem compaixão,  
Onde está tua ternura,  
Onde está teu coração?

Ai, morena, cor de jambo,  
Onde vais tão linda assim?  
Fica, oh! anjo eu te supplico,  
Ah! por Deus tem dó de mim!...

DR. LUIZ CARDOSO.



## O SORRISO

Adoro a quente carnção que veste  
As gentis fórmãs das Phrynés ardentes,  
Adoro tudo que a belleza exorna,  
A fronte, os braços, alvejantes dentes.

Adoro uns labios bem vermelhos, lindos,  
Sedentos beijos provocando ousados;  
Adoro as tranças de um castanho claro,  
Seios n'um molde sculptural vasados.

Amo as caricias que se escondem ternas  
N'uns olhos negros de brilhante luz;  
Amo a volupia que n'um doce abraço  
Fundos ardores da mulher traduz.

Mas o que encanta com poder fatal  
O triste, o pobre que na rede cáe,  
O que sujeita o coração sensível  
E meigamente o reduzindo, attráe;

E' o sorriso que se expande alegre  
Qual flor que a brisa perpassando beija;  
E' o sorriso que a innocencia veste.  
Que a face ardente de frescor bafeja;

E' o sorriso que nos enche o peito  
De doce esp'rança, de serena calma,  
E qual orvalho crystallino alenta  
De amor as crenças que floriã n'alma

ALFR. GOMES.



## Serões da Provincia

POR

JULIO DINIZ

### AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE

I

Não me consta que tenha existido mãe tão extremosa, e talvez tão excessivamente indulgente, como o era a Sra. D. Margarida de Entre-arroios na época em que, voltando eu d'uma pequena digressão pela provincia do Minho, tive a fortuna de ser recebido como hospede em casa d'esta senhora, a meio caminho do Porto a Braga, um quarto de legoa afastado da estrada principal.

Era uma época de crise para a fidalga,

como por lá lhe chamavam todos os visinhos, esta a que me refiro. Dias antes haviam as *côrtes* decidido,— e qual é a casa rica de provincia que não tem o seu pequeno parlamento?—que o menino Thomaz, o qual então contava já quinze annos feitos, seguisse estudos em Coimbra.

Discutia-se porém ainda acaloradamente a escolha da faculdade.

O abbade, egresso do convento de Santo Thyrso, jovial como uma anacreontica, gordo como o primeiro premio d'uma exposição agricola na secção — *gado suino*—, votava pela de theologia;— o doutor, homem de emmaranhados discursos, recheados de «*cujos e supraditos*» e rabula por amor da arte, insistia na de jurisprudencia;— e o medico, original de curtas fallas, mas, em compensação, de bem compridas pernas, que dizia parada a sciencia desde os seus bons tempos de Universidade e parecia querer-nos dar a entender que escutára então d'ella a *ultima palavra*, antevia um futuro brilhante para o joven morgado na carreira clinica; mais generoso do que nenhum, apoiava este projecto de lei com a promessa da sua livraria, curioso museu de antiquario, coberto d'uma camada de pó semi-secular e na qual a traça imperturbavel proseguia lentamente todos os dias, uma obra de destruição.

A faculdade de mathematica era a unica não representada; e os tres membros d'este erudito congresso, em tudo tão divergentes, viam-se só unanimes ao reconhecer que ella não merecia, de facto, entrar em linha de conta.

— «No nosso paiz um mathematico», dizia o doutor, concordavam o medico e o abbade, e eu quasi estive tentado a con-

cordar tambem, « não tem uma posição segura e definida. Os nossos governos encommendam as estradas aos enxurros, e as pontes fazem-se quando os ventos derrubam os troncos das arvores atravez das correntes dos ribeiros».

E o côro entoava um anathema ás estradas, ás pontes e ao governo.

Isto era em 185...

A Sra. D. Margarida, essa fazia dos mathematicos uma idéa horrorosa, pouco superior á que formava dos lobis-homens, para que tomasse a peito defender a sciencia de Newton e de Laplace da excommunhão lançada contra ella por este sapientissimo triumvirato.

E todos os dias se reproduziam de parte os mesmos argumentos;— todos os dias, como nos tribunaes, a discussão percorria successivamente seus differentes graus; principiando pela argumentação pausada e rasoavel, passando á replica tumultuosa, em seguida, confundindo-se em acaloradas vozerias, e terminando, emfim, pelas mais aguçadas allusões e as mais descompostas diatribes. Os contendores todos os dias se retiravam vermelhos, suando, resfolegando como touros no circo, a Sra. D. Margarida adiava a sessão para a noite immediata e o menino Thomaz, causa innocente de tantas iras, continuava dormindo socegadamente sob os tectos paternaes, apesar dos quinze annos feitos.

Recommendado á dona da casa por um seu amigo intimo de Braga, mereci a honra de ser immediatamente posto ao corrente da questão e, o que mais é, convidado para intervir n'ella. Quiz recusar-me a esta lisongeira prova de consideração, mas debalde o tentei; e afinal reconheci que bem necessaria seria a minha inter-

venção, pois via os litigantes cada vez mais longe de se encaminharem a um accordo,

Convocou-se portanto nova reunião para o dia seguinte ao da minha chegada, que se effectuára no fim da tarde de um magnifico dia de Julho, e depois de aturada conversa com a minha attenciosa hospedeira, na qual ella me poz ao alcance de todas as suas tribulações domesticas, taes como: —a impertinencia das creadas, o arejo das batatas, o vinho que se lhe azedára, um muro que tinha desabado—consegui, apoz varias tentativas infructuosas, dar-lhe as boas noites. Retirei-me para o quarto que me fôra indicado, pensando commigo mesmo como tão depressa me achava envolvido n'um negocio de familia, de não pequena gravidade, e arbitro dos destinos d'uma creança, que nem sequer tinha ainda visto.

A janella do aposento onde pernoitei dava para um bem provido pomar, gloria da Sra. D. Margarida, que se ufanava de possuir as mais deliciosas laranjas e os mais saborosos pecegos de toda a provincia; e d'estes ultimos bem gratas recordações effectivamente me ficaram!

A noite estava bellissima. Era uma d'estas abafadas noites de estio em que somos, quasi irresistivelmente, levados para a contemplação do espectaculo do céo, sem nuvens nem estrellas, e da terra inundada por um luar magnifico de reflexos surprehendentes.

Apaguei a luz, e, encostado ao peitoril, esqueci-me durante horas a olhar para o que via diante de mim, e a pensar não sei em que, se é que pensar se chama aquillo.

D'esta contemplação fui afinal despertado por o ruido de uma janella que se

abria cautelosamente. Movidá assim a minha curiosidade, puz-me a observar o que se passava.

A posição era favoravel a esta innocente espionagem. Uma rapida descripção topographica do logar o. mostrará claramente.

A casa de Entre-arroios, edificada nos principios do seculo passado, conservava ainda, apezar das successivas mudanças que o espirito de reforma de D. Margarida lhe havia introduzido, o aspecto pesado e quasi lugubre das construcções d'aquella época no nosso paiz.

A fachada principal, ostentava, heraldicamente combinadas, as armas da familia, tidas pela gente do logar como uma das principaes glorias da sua terra. Duas largas pilastras de granito corriam, livres de oca e de argamassa, ao longo d'esta fachada, desde a solida cornija que sustentavam em floridos capiteis, até os alicerces sobre que se apoiavam os pedestaes ennegrecidos. Para a parte posterior prolongavam-se os corpos lateraes do edificio em alas parallelas, abrangendo por esta fórma um espaço quadrangular, onde um dos ascendentes de D. Margarida plantara o pomar a que já me referi e que com tanta dignidade sustentava nos mercados a boa fama da horticultura minhota.

Subindo tres degraus de pedra já meio gastos pelo uso e transpondo uma porta envidraçada, entrava-se do pomar, por o corpo central da casa, para a sala de jantar; no mesmo correr eram a cozinha e dispensas e para outro lado o salão das recepções solemnes, ordinariamente fechado.

No andar superior eram os quartos de D. Margarida, os quaes abriam para uma

ampla varanda de bem torneados balaustres onde vegetavam em vasos de louça as flores predilectas da senhora ; era tambem ahi a sala dos serões familiares, e finalmente o quarto de Thomaz. Este ficava situado em um dos angulos do quadrilatero e immediato ao corpo lateral do edificio que fôra destinado para capella.

Durante as devastações que o paiz soffrera nas successivas guerras civis, dos ultimos periodos de nossa historia, a casa de Entre-arroios não fôra mais do que as outras respeitada, e os estragos que, no resto da habitação, tinham já sido cuidadosamente reparados, conservavam-se ainda visiveis no pequeno templo, onde havia muito se não exercia por isso o officio divino.

As janellas que d'este templo deitavam para o pomar, uma das quaes ficava muito proxima e subjacente á do quarto de Thomaz, mostravam ainda os grossos caixilhos de ferro, despovoados de vidros, e já em parte atacados pela acção corrosiva do tempo.

Finalmente do lado esquerdo, em symetria com a capella, prolongava-se um pequeno pavilhão, originariamente destinado para alojar os hospedes, que, recebidos e gazalhados na casa de Entre-arroios com proverbial cordialidade, ficavam, comtudo, como por um natural e delicado pudor de *ménage*, um tanto afastados do seio intimo da familia, não a constringendo assim a alterar os habitos domesticos, que, e na vida de provincia principalmente, nunca se sacrificam sem dolorosa violencia.

(Continúa)



## A noite

A virgem da noite no azul transparente  
Do lago trememente reflecte o perfil ;  
E o manto d'estrellas sorrindo desata  
Em ondas de prata no ether subtil !

A terra abrazada palpita em desejos !  
Nas selvas os beijos se escutam de amor !  
E auras travessas cahindo das ramas  
Abraçam em chammas o collo da flor !

Trepitam regatos por entre a verdura  
De branda espessura em doce gemer,  
Em vago amoroso celeste abandono  
Parece que o somno convida ao prazer !

A mystica sombra dos ramos frondosos  
Nos campos saudosos fantasmas produz !  
Eterna, incessante, sublime harmonia  
Nos diz — poesia — nos raios da luz !

Que noite ! E que immensa profunda tristeza  
Do céu na pureza, na terra e no ar !  
Saudade infinita que as almas devora  
Sentimos n'esta hora pungir, abraçar !

Poeta, silencio ! Curvemos a fronte  
Ao novo horizonte de ignoto arrebol ;  
No seio da noite fecundo estremece  
E surge, apparece em breve outro sol !

Extatico e mudo, adoro e contemplo...  
Nas aras do templo me prostro ante Deus !  
Mas tu, cujo canto o genio illumina,  
Na harpa divina remonta-te aos céos !

A. E. ZALUAR



## Minha crença no album da virtude

### A MULHER

A mulher é o sorriso da criação, a obra prima do Creador, a ultima e a mais perfeita que sahiu de suas mãos ; e por isso, resumindo n'ella o complexo da producção, infundiu-lhe a intelligencia no amor, e as

mais sublimes virtudes n'alma, como representante da natureza creadora. O seu coração é um santuario de amor, de dedicação, de esperança e de fé, sendo feliz quem o souber penetrar e comprehender os mysterios.

Companheira inseparavel do homem, ella tudo lhe perdôa, quando ama, e tudo lhe proporciona na vida, chegando a sua dedicação e o seu amor até ao sacrificio, para livral-o dos males.

A mulher é o amor na humanidade e o sublime pensamento de Deus, realisado na criação, e foi dada ao homem para sua consolação e amparo; tendo sido por ella que entrou a Luz no mundo, a civilisação nos povos, e a felicidade na terra. Sem a mulher, o universo seria um deserto, a vida do homem pesada e os seus dias amargos.

E' a mãe do homem e o seu anjo da guarda na terra, como disse um pensador.

Por nós com a existencia principiam  
Da mulher os extremos...  
Sim, é ella que em seu seio guarda  
O fructo do hymineu, tão triste ás vezes,  
E da sua, a custo, vida lhe dá,  
E lhe consagra attentos cuidados,  
Que no berço exige a infancia...

Amemos a mulher: é a mãe do homem.  
Se alguma falta lhe descobrirmos, devemos perdoar-lh'a, porque ella ama muito, e quem muito ama, muito se lhe perdôa, recommenda a Legenda Sagrada.

DR. MELLO MORAES.



## RECITATIVO

A noute era negra, zunia o tufão,  
O mar soluçava no fundo escarcéo,  
O raio impellido de horrivel trovão  
Serpentes de fogo traçava no céo.

As aves medrosas fendendo o espaço  
A's brenhas voltavam de susto feridas;  
Luctava um batel do mar no regaço,  
Bramiam as vagas nas rochas batidas.

No abysmo o batel rangia ao embate,  
Em frocos de espuma aos ares grimpava;  
Do leme ao governo, sublime contraste,  
Mulher feiticeira, perita velava.

Ao passo que o leve barquinho brandia  
Ao choque da onda quebrada em caixão,  
A fada mimosa seu véo desprendia,  
Soltando os cabellos dos ventos á acção.

Ergueu a cabeça e do olhar fascinante  
Vertia torrentes de affecto e de graça;  
Sem leme o batel doudeja inconstante,  
A fada, serena, com a lyra se abraça.

E as cordas soaram trinados cadentes  
De infinda harmonia, que o som repetiu;  
Seguindo-se o hymno de endeixas ardentes  
Com voz maviosa assim se exprimiu:

« No pégo revolto eu amo o oceano,  
Apraz-me o agudo estalo do raio;  
Eu amo o Eolo raivoso e insano,  
Na tona dos mares da bruma o desmaio.

Eu amo o silencio das mattas frondosas,  
Me enleva nas brenhas da fêra o rugir;  
Na selva o sibillo das cobras raivosas,  
No sol eu adoro o brilhante luzir.

Eu amo a cascata rolando macia,  
Ou grave espumante desfeita em neblina,  
Do prado a fragrancia que a brisa m'envia,  
Nas rozas eu amo a côr purpurina.

Eu amo dos lagos o liso espelhado,  
Ou cresco com a aragem tremendo ondulante;  
Encanta-me o ver em carro dourado  
A aurora das sombras surgir radiante.

Eu amo da rôla o suave gemido,  
Que infiltra em minha alma saudosa lembrança;  
Coragem me infunde da abelha o zumbido,  
Distrae-me o singelo sorrir da criança.

Eu amo de mãe o affecto sagrado,  
Evito a candura das virgens ferir;

Respeito os effeitos voluveis do fado,  
No homem a honra e no tempo o porvir. »

E logo que a voz nos aires pairava,  
Calmaram-se os ventos, o amor esmorece,  
Dissipa-se a tréva que a lua offuscava,  
E em pleno cortejo á vista apparece.

No mar a ardentia, na terra a paysagem,  
No céu as estrellas, em torno o encanto,  
Na lua o pharol, na sombra a miragem;  
No barco o mysterio, e na fada o quebranto.

As brisas de manso a vela enfunaram,  
A fada tranquilla ao leme volveu,  
Os astros da noute no azul scintillaram  
O barco veloz nas agoas fendeu.

Perdeu-se no espaço, no affan da carreira,  
Levou-me a alegria das creanças na idade,  
Ceifou-me a esperança na prova primeira,  
Legando-me as dôres de amarga saudade.

DR. LUIZ CARDOSO.



## Semiramis

(FRAGMENTO HISTORICO)

Esta ambiciosa rainha, não contente de possuir um dos reinos mais poderosos e ricos da antiguidade, como era o da Assyria, tentou fazer a conquista do mundo inteiro, e começou rompendo as hostilidades com o rei das Indias, sem que da parte d'este houvesse motivo para um tal rompimento.

Chegando, pois, ao Indostão a noticia de que Semiramis havia reunido um numeroso exercito que marchava em caminho de seus dominios, para d'elles assenhorear-se, tratou o rei das Indias de se pôr em defeza, para o que ajuntou as suas tropas, além de uma quantidade enorme de elephantes, que ensinados a baterem o inimigo, o lançavam por terra com sua

immensa tromba, esmagando-o depois com o peso das patas.

A rainha Semiramis, porém, que não tinha elephantes, dos quaes sómente se arreceiava para pôr em acção o seu proposito, imaginou o artificio mais astucioso que é possível inventar-se.

Mandou que immediatamente se matassem tres mil bois de côr escura, que sendo esfolados, foram os couros, unidos uns aos outros, collocados sobre camellos, de que havia grande abundancia no paiz, os quaes, assim arranjados, pareciam verdadeiros elephantes.

Crete Semiramis de que d'este modo amedrontaria o inimigo á vista d'um tão numeroso exercito, tratou de pôr-se em marcha.

A hora do combate souu, e a vista dos falsos elephantes produziu um verdadeiro panico nos indios, desfallecendo-os, e tornando indecisa a victoria.

Afinal, reconhecendo terem cahido no mais industrioso ardil, revestem-se de coragem, derrotam os assyrios, que fogem vergonhosamente, sendo uma grande parte d'elles pisados pelos camellos, que correm em debandada, perseguidos pelos elephantes dos indios.

Eis aqui como terminou o esplendor da mais famosa rainha da antiguidade, que havendo consumido uma grande parte da vida no engrandecimento de seu paiz, erguendo-lhe os mais sumptuosos edificios, caprichosamente imaginados, como palacios e jardins sobre o ar, se retirava agora, gravemente ferida, para a sua residencia da Babylonia, onde ia lamentar a desgraça de seu proprio erro.

Ahi foi morta, pouco tempo depois, por

seu filho Ninias, que, desde muito desejava apossar-se do governo da Assyria.

Vem a proposito dizer-se que a rainha Semiramis levou a tal ponto o seu capricho que mandou fosse esculpido em seu tumulo o seguinte epitaphio :

« Quem precisar de dinheiro, abra este tumulo e tire o que quizer. »

Como a inscripção era tentadora, mandou Dario, rei da Persia, que fosse aberto o tumulo, e o desapontamento foi geral, porque dentro estava est'outro epitaphio:

« Se não fosses um miseravel avarento, não virias perturbar a cinza dos mortos. »

Realmente, a rainha Semiramis era de uma originalidade sem igual!

F. ARTHUR COSTA.



### VANTAGEM DOS POSTIÇOS

Elle era um Lovelace, um vil conquistador  
Que andava todo o dia a lhe dizer pilheria;  
Ella sempre *coquette*, ou se fazia seria,  
Ou fugia a sorrir còrada de rubor.

Mas elle tinha labia e mendigava amor,  
Como um pobre a contar seus dias de miseria,  
E sabia tambem dizer a sua leria,  
Ora alegre, ora triste o bom do seductor.

Gabava muito a face, a bocca melindrosa,  
Os olhos tão gentis, a trança volumosa,  
E das mais perfeições a innumeravel lista.

Uma vez se lembrou cingil-a contra o peito,  
Mas a moça finoria escapa-se com geito,  
Deixando-lhe nas mãos a trança do *Baptista*.

S. JUNIOR.

### MOSAICO

Um roceiro endinheirado chega a um hotel e pede um quarto ondo passe a noite. Responde-lhe o criado que estão todos tomados. O homem teima em pedir uma cama e afinal o criado pergunta-lhe se quer sujeitar-se a dormir com um negro, ao que o roceiro annue, pedindo áquelle o desperte cedo, pois tem de seguir viagem.

O roceiro ceia bem, fica um tanto envinagrado e deita-se.

Passando o criado pelo quarto causa-lhe impressão vêr dormir um negro com um branco e querendo pôr as cousas em harmonia, pinta o rosto d'este com uma rolha queimada.

Não se esquecendo da recommendação que lhe fizera o seu hospede, vai despertar-o de madrugada.

O homem salta da cama, dirige-se ao lavatorio, e vendo-se ao espelho defronte:

— Como é estúpido este criado! Em logar de me acordar a mim, vai acordar o negro!

E tornou-se a deitar-se.

Um aldeão vai confessar-se na quinta-feira santa.

Entre outras coisas, pergunta-lhe o padre:

— Sabe quem matou Christo? O aldeão segura dos tamancos e deita a fugir, deixando o padre embasbacado.

Em caminho encontra um companheiro.

— Onde vais? pergunta-lhe.

— Vou confessar-me.

— Não faças tall! Eu ainda agora de lá venho fugido, porque o padre anda indagando quem matou Christo e se o sabe mette o sujeito em camisa de onze varas!